

O ANTEROS E A RESPOSTA AMOROSA: SOBRE A RECIPROCIDADE NO *FEDRO* DE PLATÃO

Ana Rosa Luz¹

RESUMO: Neste artigo tento mostrar que não há uma total hierarquia na teoria do *eros* platônico, a partir de duas passagens fundamentais da palinódia socrática no *Fedro*. A posição ativa e passiva, referente respectivamente ao *erastes* (amante) e ao *eromenos* (amado), perde campo no *Fedro*, a partir do momento em que Sócrates defende uma reciprocidade, intrínseca ao movimento erótico, de forma incontornável. Amado e amante são um espelho um do outro. Partindo de um estágio determinado do relacionamento, tornam-se uma e a mesma pessoa erótica e desejante, indo, assim, à busca do conhecimento verdadeiramente existente.

Palavras-chave: *Fedro*. *Eros*. Reciprocidade. Desejo.

ABSTRACT: In this article I try to show that there isn't a total hierarchy in the theory of platonic love, from two key passages of Socrates' palinode in the *Phaedrus*. The position of active and passive, respectively related to *erastes* (lover) and *eromenos* (beloved), loses field in *Phaedrus*, from the moment in which Socrates defends a reciprocity, intrinsic to the loving movement, in a manner so unavoidable. Lover and beloved are a mirror of each other. From a certain stage of the relationship, they become one and the same desiring and erotic person, starting, thus, to the quest for the truly existent knowledge.

Keywords: *Phaedrus*. *Eros*. Reciprocity. Desire.

[...] o mesmo prazer e o mesmo desejo levam o erasta e o erômeno um para o outro; se ele é, por natureza, uma metade de macho, o rapaz amará os homens: terá prazer em dormir com os machos e a ficar entrelaçados com eles ².

O presente artigo pretende ser uma análise da possibilidade de uma reciprocidade na relação pederástica, a partir do movimento erótico explicitado no *Fedro* de Platão. O *Fedro* é um diálogo belo sobre o belo, no qual Sócrates se preocupa em fazer o discurso de forma bela para introduzir a ideia de beleza. Sendo no contexto do enlace deste movimento erótico que o personagem nos incita a pensar acerca da possibilidade de uma reciprocidade amorosa.

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Coordenadora de Filosofia do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e doutoranda em Filosofia da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Michel FOUCAULT, *História de Sexualidade II: O uso dos Prazeres*, Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p.204 – referente à passagem 191e, do *Banquete*.

Tendo em vista que, de maneira geral, no relacionamento amoroso platônico há uma clara hierarquia no que concerne ao papel do amante (*erastes*) e do amado (*eromenos*), podemos encontrar dois pontos fundamentais e clarificadores que tanto se contrapõe a tal assertiva quanto delimitam, em definitivo, a existência de uma reciprocidade erótica entre os amantes filósofos. O primeiro ponto a ser identificado e interpretado a este respeito é referente à passagem 252d-253b, da palinódia socrática do *Fedro*. Tal passagem descreve a atitude do amante em querer que ele e seu amado entrem em consonância com a divindade a que propusera servir. De acordo com Sócrates, em um relacionamento erótico o amante procura não só assemelhar o seu amado com a *sua* divindade, como também procura que o amado se assemelhe a ele mesmo. Por conseguinte, o segundo ponto é referente à passagem 255c-e. Nela, é possível observar a descrição socrática do amado como sendo um reflexo do *eros* amante, sendo denominado, por isso, como um *anteros*. Aqui, o amado se mostra tal como um contra-amor. Já que, vendo o amante como num espelho e ele mesmo se revela enquanto a imagem refletida do *eros*.

Visto isso, o que queremos demonstrar, então, é que enquanto há várias correntes que defendem que o jovem amado responderia o seu amante com *philia*, e somente com esta; nas respectivas passagens citadas, Sócrates deixa claro que a resposta do amado é, assim como o dito acima, um contra-amor, um reflexo direto do *eros* do seu amante, um *anteros*.

Começemos, então, com a descrição do primeiro fragmento afirmativo de reciprocidade. Nele, assim como será visto, Sócrates introduz sua fala assegurando que diante de seu amante, o amado é como o divino. Fazendo com que o amante se porte tal como se estivesse frente à própria divindade.

Assim, no que concerne ao amor aos belos jovens, cada um escolhe de acordo suas disposições e, como se ele fosse um deus, ele lhe erige uma estátua que adorna, para honrar e celebrar seu mistério.³

Tal como o descrito na citação acima, segundo Sócrates os amantes escolhem os seus amados, tal como escolhem uma divindade para cultuar e servir ao longo da vida. Seguindo o seu próprio caráter, eles escolhem o deus que melhor lhe convém, agindo em consonância com ele. Deste modo, a celebração dos mistérios de

³ “Ainsi donc, en ce qui concerne l’amour des beaux garçons, chacun choisit selon ses dispositions et, comme s’il s’en faisait d’un dieu, il lui érige une statue qu’il orne, pour l’honorer et célébrer son mystère” (PLATÃO, *Fedro*, 252d, da tradução do francês de Luc Brisson). Tradução livre da autora.

um deus se transferiria e se equivaleria à própria veneração e celebração dos mistérios eróticos, do amante para com o seu amado, em que o amante vê no seu amado a própria divindade. Ou seja, ao mesmo tempo em que o amante louva e celebra um deus, ele louva e celebra o seu amado, o seu objeto erótico de beleza.

Isto posto, o amante quer, portanto, que ele e seu amado entrem em “consonância” com a divindade a que ele propusera servir. Assim, o amante procura não só assemelhar o seu amado com a “sua” divindade, como também procura que o amado se assemelhe a ele mesmo. Ora, o amante, ao escolher uma divindade para servir, segue em conformidade ao caráter da própria divindade, procurando despertar em si mesmo as qualidades divinas. Sendo justamente tais qualidades que ele procurará despertar em seu amado. Pois só através desta busca, deste desejo em despertar o divino, despertar tais qualidades em seu amado, que os amantes “exercem influência bela e benfazeja sobre o amado, sempre que aquele se acha em estado de delírio e conseguir conquistá-lo”⁴. Nesse sentido, o amante quer despertar em seu amado as virtudes da divindade e, tendo antes despertado estas em si mesmo, quando alcançada tal finalidade, ele vê o amado tal como um deus e, conseqüentemente, tal como a ele mesmo.

Desta forma, em reflexo a este movimento realizado pelo amante e deixando-se guiar pelo caminho da virtude, o amado acaba por ver, também, no outro a divindade. E a cada evolução em termos de virtude e conhecimento, o amado vai cada vez mais identificar o seu amante com a divindade a que se propusera servir. Chegado esse ponto, então, ambos são tomados pela loucura erótica, participando duplamente do divino.

Partindo de tais colocações, vejamos agora o que Sócrates tem a dizer na segunda passagem ilustradora da reciprocidade e, talvez, a de maior relevância e ênfase nesse campo teórico.

[...] pelo caminho dos olhos reflui para o amado a corrente da beleza, via de acesso natural para chegar à alma, que ela enche inteiramente, banha os meatos das penas, as quais logo entram de germinar, enchendo de amor, no mesmo passo, a alma da criatura idolatrada. Sim, ele também ama, porém não sabe a quem ama, e é incapaz de explicar o que se passa com ele; como quem apanhou oftalmia de outra pessoa, não sabe dar a razão do seu padecimento, por não perceber que ele se vê no seu amante como num espelho; na presença

⁴ PLATÃO, *Fedro*, 253b. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará: EDUFPA, 2007.

daquele, esquece-se, tal como se dá com o outro, do sofrimento próprio; longe, deseja-o ardentemente, como também é desejado, por haver do seu lado contra-amor, a imagem refletida do amor⁵.

Como o visto no trecho citado, Sócrates afirma que na relação amorosa o amado não vê claramente como se dá o amor pelo seu amante, não sabe explicá-lo; não sabe dar razão ao seu amor. Apesar de denominar a relação com seu amante de amizade, ele também sente falta das suas carícias, beijos e da realização de seus prazeres sexuais. Por outro lado, apesar de não identificar o que sente, o amado vê o seu amante como num espelho, sendo, por isso, ele mesmo a imagem refletida do amor.

Em contrapartida, contrário a presente leitura dessa passagem do *Fedro*, Dover (1994)⁶ defende que o amante teria o completo monopólio do *eros*. Excluindo, assim, a participação recíproca do amado – ao menos no que tange a este momento da obra. Segundo o autor, em resposta ao *eros*, o amado expressaria somente amizade (*philia*), sendo o seu retorno em afeição e não em desejo. Por conseguinte, nessa passagem, assim como foi visto, Sócrates deixa claro que a resposta do amado no movimento mencionado não é *philia*, esse é o nome que ele dá ao que sente. No entanto, ele não entende o que sente, não consegue identificar o tipo e o objeto do seu desejo, sendo exatamente a inexperiência do jovem amado que o leva a crer que o que ele sente pelo seu amante não é *eros*. Contudo, o que realmente sente o erômeno é um contra-amor, um reflexo direto do *eros* do seu amante, sendo ele mesmo a imagem refletida do *eros*.

De acordo com Halperin (1986)⁷, este fragmento da palinódia deixa claro que o amado participa do desejo apaixonado do amante por ele. O amado é um retorno do desejo. Por isso, o que o amado experimenta não é *philia*, mas *eros*, especificamente *anteros*. Ou seja, um contra-amor⁸. Um *eros* em retorno ao *eros*; um *eros* em resposta ao *eros*. O fluxo de beleza que entra pelos olhos do amante, faz renascer as asas da alma, reativando o canal natural desta, lhe dando vigor e umidificando o germe das asas, que rapidamente voltam a crescer. É isso que Sócrates denomina amor (*eros*). É o reconhecimento do amante através do outro, estando a sua imagem gravada em alto relevo na alma do amado. Trata-se de um eco que traz a identificação, um espelho em

⁵ PLATÃO, *Fedro*, 255c-e. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará: EDUFPA, 2007.

⁶ DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. Trad. por Luiz Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

⁷ HALPERIN, David M. "Plato and Erotic Reciprocity". In *Classical Antiquity* 5:1 (1986), pp. 60-80.

⁸ Cf. HALPERIN (1986, p.67).

que amado e amante se vêem através dos olhos um do outro. Amado e amante se refletem mutuamente, ou, assim como afirma Halperin (1986): “Ambos, amado e amante, têm a visão de uma beleza idêntica, que emana do outro”⁹. Pois a reciprocidade da relação entre amado e amante, se dá na visão da imagem da verdade e da beleza, fazendo com que o amado veja no que realmente ama o verdadeiro ser do seu amor.

Neste fragmento, Sócrates realiza uma análise não convencional da dinâmica de atração da relação pederástica. E tal pressuposto filosófico é desenhado a partir do fato de que ambos os parceiros têm o requisito erótico como resposta ao estímulo da beleza. Ambos são por ela estimulados, repondendo mutuamente a tal estímulo – a diferença está em como cada um, amante e amado, são estimulados e, por decorrência, como se dá a resposta individual.

A reciprocidade expressa através da imagem do espelho é um exemplo de contra-amor. Tal imagem do enxergar-se a si mesmo através do outro, nos leva a correlacionar a injunção délfica socrática ao contido na palinódia no *Fedro*. Para ver a si mesmo é preciso conhecer a si mesmo, do contrário não se identificaria a semelhança e se encontraria no próprio reflexo um outro que não a si. Não se pode olhar para si mesmo num espelho com total passividade, deve-se identificar a própria natureza na imagem de um sujeito ativo, desejante.

Tal passagem do *Fedro* talvez seja a única em que se dê inteiramente a reciprocidade, em toda teoria erótica platônica. Nela há uma fusão recíproca entre amado e amante, onde o amado vê o outro como um espelho da própria beleza – certamente um caráter narcísico da relação pederástica. Segundo Halperin (1986), trata-se de uma passagem-espelho onde há certa “copulação à distância”¹⁰. No sentido do prazer referente ao envolver seu amado pelo olhar, e nele se efetuar a e consumação do seu amor. Há uma fusão, na medida em que os olhos de ambos se mostrem como um claro espelho, refletindo cada um a si mesmo. Amado e amante tem o *eros* nos olhos, sendo o contato visual o estímulo erótico por excelência.

Halperin (1986) defende o discurso socrático de reciprocidade afirmando que amado e amante acabam por se tornar ativos na relação amorosa, pois se tornam

⁹ Tradução livre de Halperin, “Plato and Erotic Reciprocity”, (1986, p.75). “(...) both lover and beloved, aroused alike by their visions of an identical beauty emanating (apparently) from each other and driven by the intensity of their separate desires to new labors of visionary creativity, make simultaneous and reciprocal, though independent, progress toward the contemplation of the Forms.”

¹⁰ HALPERIN (1986, p. 62, n.5)

amantes igualmente desejantes, não sendo nenhum deles unicamente um objeto passivo de desejo. Nesse fragmento, há uma clarificação do percurso entre ambos, fazendo com que a expressão de desejo e a troca de afeições alcancem o mais alto grau de reciprocidade. O contra-amor do amado, se guiado corretamente, não está em busca da realização sexual, o que o faz livre para responder à paixão do amante sem o domínio do desejo apetitivo imediato. Tanto amado quanto amante são ativos, pois são amantes desejantes, sujeitos de desejo erótico. Ambos expressam desejo e trocam afeições. Há, portanto, uma eliminação mútua da passividade, estando ambos, amantes, ativos ao mesmo tempo.

Tal teoria da reciprocidade erótica platônica nos permite, agora, tratar dos parceiros eróticos não mais como amado e amante, mas como dois amantes¹¹ – devido a experiência mútua frente à paixão do *eros*. Ademais, o interesse de ambos amantes converge inteiramente, não sendo significativamente um subordinado ao outro. Assim como explicita Halperin (1986), “o amante se torna literalmente outro”¹². A união alcançada é completa e perfeita, pois vai além de uma união meramente sexual, a relação erótica permite que os parceiros tenham um senso maior de sua identidade individual refletida no outro, que é reflexo de si mesmo. Pois o *eros* provoca uma dissolução total do seu eu e do outro, permitindo que o outro não seja mais um limite; sendo, com as palavras de Franco (2006), “o amor o “lugar” onde justamente não há nem Outro nem eu”¹³. O *eros* do amante reflete no amado que acaba por rechicoteá-lo novamente ao primeiro. O reflexo erótico ou reflexo amoroso se dá, portanto, através de uma cadeia cíclica, onde um só *eros* circula entre amado e amante. Não existem mais barreiras entre amado e amante. Neste momento, ambos se tornam amantes a partir do reconhecimento de si no outro. São amantes. Tal como é afirmado por Proust (1954), em consonância à tese defendida:

Quando a gente ama, o amor é grande demais para caber inteiro em nós; ele irradia para a pessoa amada, encontra nela uma superfície que o faz parar, força-o a voltar ao ponto de partida e é esse choque de volta do nosso próprio carinho a que chamamos os sentimentos do

¹¹ Cabe ressaltar que isto só acontece nas passagens apresentadas. A reciprocidade amorosa não pode ser generalizada ou relativizada a toda teoria erótica platônica.

¹² Tradução livre de HALPERIN, “Plato and Erotic Reciprocity”, (1986, p.75). “Indeed, one’s lover becomes in all literalness another self, an alter ego. The union achieved by such lovers is more complete and perfect, yet allows for a greater sense of a individual identity, than mere sexual union (cf. *Symposium* 209c).”

¹³ FRANCO, Irley. *O Sopro do Amor: Um comentário do discurso de Fedro no Banquete de Platão*. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2006.

outro e que nos encanta mais do que na ida, pois já não reconhecemos que procede de nós.¹⁴

REFERÊNCIAS

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. Trad. por Luiz Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO, Irley. *O Sopro do Amor: Um comentário do discurso de Fedro no Banquete de Platão*. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2006.

HALPERIN, David M. “Plato and Erotic Reciprocity”. In *Classical Antiquity* 5:1 (1986), pp. 60-80.

HALPERIN, David M. “Platonic Erôs and What Men Call Love”. *Ancient Philosophy* 5, 1985.

PLATÃO. *Banquete*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará: EDUFPA, 2001.

_____. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará: EDUFPA, 2007.

PLATO. *Phaedrus*. Trad. E coentário, Hackforth, R. Cambridge University Press: Cambridge, 1952.

_____. *Plato's Phaedrus*. Trad. e comentário, Yunis, Harvery. Cambridge University Press: Cambridge, 2011.

PLATON. *Phèdre*. Trad. e comentário, Robin, L. Les Belles Lettres: Paris, 1949.

_____. *Phèdre*. Trad. Luc Brisson. Paris: GF Flammarion, 2004.

PROUST, Marcel. *À La Recherche Du Temps Perdu – Tome I*. 3 vol. Paris: Gallimard, 1954. Bibliothèque de la Pléiade.

VLASTOS, Gregory. “The Individual as an Object of Love in Plato”. In: *Platonic Studies*. 2nd printing, Princeton University Press: Princeton, 1981.

¹⁴ Tradução livre de Marcel PROUST, *À La Recherche Du Temps Perdu – Tome I*. 3 vol. Paris: Gallimard, 1954, p.609. “Quand on aime, l’amour est trop grand pour pouvoir être contenu tout entier en nous, il irradie vers la personne aimée rencontre en elle une surface qui l’arrête, le force à revenir vers son point de départ, et c’est ce choc en retour de notre propre tendresse que nous appelons les sentiments de l’autre et qui nous charme plus qu’à l’aller, parce que nous ne reconnaissons pas qu’elle vient de nous.”